

OS DEÍCTICOS NO DISCURSO NARRATIVO – DEMONSTRATIVOS E ADVÉRBIOS DE LUGAR EM *FAR FROM THE MADDING CROWD*

Suzana Noronha Cunha

É nosso propósito com o presente estudo verificar do emprego de algumas formas deícticas na ficção narrativa em língua inglesa, assim como do seu comportamento aquando da tradução para língua portuguesa.

A centralidade das formas deícticas na construção da significação, atestada nas palavras de Fernanda Irene Fonseca, na afirmação de que a “função dos deícticos é condicionante da significação dos restantes signos linguísticos”, bem como o facto de sempre se nos ter afigurado algo aleatória a motivação que leva autores e tradutores a optar por diferentes formas deícticas, nomeadamente as demonstrativas, quando apontam para maior ou menor grau de proximidade em relação ao locutor e ao interlocutor, estão na base do nosso interesse por esta questão¹.

Dadas a variedade das formas e a heterogeneidade de empregos dos deícticos, cuja análise ultrapassaria largamente o âmbito e a envergadura do presente trabalho, propomo-nos aqui analisar unicamente o valor deíctico dos pronomes e determinantes demonstrativos e levar a cabo uma breve referência aos advérbios de lugar, justificada pelo sistema dos mesmos estar “apoiado ao sistema dos demonstrativos ou com ele intimamente relacionado”².

Tomaremos como fio condutor da análise a verificação da existência ou ausência de correspondências na tradução dos demonstrativos e advérbios de lugar, a partir da qual procuraremos demonstrar se as duas línguas de trabalho se aproximam ou se afastam no emprego das formas deícticas em questão.

Para a realização do estudo, e porque esta questão nos interessa enquanto relacionada com a tradução da ficção narrativa, lançámos mão de dois *corpora* de exemplos retirados de uma das obras de Thomas Hardy, *Far From the Madding Crowd* e de uma tradução da referida obra intitulada *Longe da Multidão*³. Estes dois grupos de exemplos, que não esgotam as ocorrências dos demonstrativos e advérbios de lugar nas obras referidas, foram seleccionados por questões metodológicas nos primeiros dezasseis capítulos das mesmas. Cremos ser possível aferir com maior clareza a forma como os deícticos a tratar contribuem

para a construção da coesão textual seleccionando diversos exemplos num mesmo capítulo, ao invés de retirar um número igual de exemplos ao longo de toda a obra. Além disto, de notar o não ter sido nossa intenção avaliar da qualidade da tradução que nos serviu como instrumento de trabalho, mas antes dispor de um conjunto de soluções de tradução, as quais não sendo da nossa responsabilidade não influenciariam o desenvolvimento da análise.

O suporte teórico base da elaboração deste estudo foi seleccionado tendo em mente a própria articulação do trabalho. Desta forma, a necessidade de organizar os exemplos conferindo-lhes algum tipo de classificação levou-nos a procurar nas gramáticas das línguas portuguesa e inglesa, onde é feita a sistematização das formas linguísticas, em que casos e situações se empregam os deícticos que pretendemos estudar, bem como quais os seus valores e formas de classificação. De referir ainda que, para apoiar as afirmações suscitadas pelo desenvolvimento da análise, recorreremos fundamentalmente a estudos de linguística portuguesa, por ser esta a língua de chegada, aquela em que o tradutor tem que fazer escolhas.

Feito o levantamento do *corpus* nas duas línguas e feitas a sistematização e classificação possíveis desse conjunto de exemplos, passaremos primeiramente à análise do conjunto de exemplos na língua de partida, para depois verificar da existência ou não de correspondências na língua de chegada. Procuraremos avaliar da natureza dessas correspondências ou da sua inexistência, tentando, neste caso, determinar se ela se fica a dever a formas diversas de construir uma mesma realidade textual em duas línguas diferentes, ou se resulta de uma escolha do tradutor, evidentemente subjectiva e possivelmente relacionada não só com uma forma típica de construção de um texto na língua de chegada, mas também com o próprio estilo do tradutor enquanto recriador de um enunciado narrativo⁴.

DEÍCTICOS, SIGNIFICAÇÃO E REFERÊNCIA

A análise prática dos exemplos recolhidos na obra de Hardy implicou algum suporte teórico. É o resultado muito esquemático da sistematização dessa base de apoio que passamos a apresentar.

Qualquer análise contrastiva do emprego dos demonstrativos e advérbios de lugar nas línguas portuguesa e inglesa passa, em primeiro lugar, pela interpretação das estruturas destas formas deícticas, das quais a portuguesa é

ternária e a inglesa binária. Assim sendo, e para delimitar de que formas o sistema dos demonstrativos do inglês (*this/that*) encontra correspondência no sistema ternário do português (*este/esse/aquele*), é forçoso assumir, como Carvalho, que: “Every deictic system relies directly upon the system of grammatical persons...”⁵. Torna-se então possível fazer corresponder à série de demonstrativos do português – *este, esse, aquele* – respectivamente, as pessoas gramaticais – *eu, tu, ele*.

Contudo, para a interpretação das estruturas deícticas do português e do inglês, Carvalho socorre-se ainda dos advérbios de lugar, pois, como afirma: “there is a full term-to-term correspondence between the series of demonstrative pronouns and one series of place adverbs. In this manner, in the binary system of English, *this* corresponds to *here*, just as *that* corresponds to *there*. Likewise in the ternary system of Portuguese *este* corresponds to *aquí*, as do *esse, aí* and *aquele, ali*”⁶.

E é tendo em conta a articulação entre pessoa gramatical e os sistemas de demonstrativos e de advérbios de lugar que, como Carvalho, nos propomos afirmar que os três localizadores do português – *este, esse, aquele* – apontam, por esta ordem, para um lugar perto da primeira, da segunda e da terceira pessoas. Os advérbios de lugar, por seu lado, completam esta rede de relações sendo que *aquí* (perto de mim) aponta para um lugar onde *eu* (locutor) estou ou onde *eu* e *tu* (interlocutor) estamos, enquanto *aí* (perto de ti) refere o lugar onde *tu* estás e *eu* não estou e *ali* (perto dele) aponta para um lugar distante de *eu* e *tu*.⁷

Para o sistema binário do inglês, por outro lado, continuamos a seguir a interpretação de Carvalho, para afirmar que *this* e o seu correspondente *here* apontam sempre um lugar perto de *mim*, que pode ser perto ou longe de *ti*, ao passo que *that* e *there* apontam sempre um lugar longe de *mim*, que pode ser, também, perto ou longe de *ti*.⁸

Será então a existência de um sistema deíctico binário na língua de partida e de um ternário na língua de chegada a justificar que para um mesmo demonstrativo – por exemplo, *this* – ocorram traduções diferentes – como *este* e *esse*. O tradutor é, por este motivo, conduzido a optar entre uma localização mais próxima do locutor, nos exemplos retirados da obra de Hardy, o narrador, ou mais próxima do interlocutor, no caso, o leitor.

Do estabelecimento da rede de articulações entre demonstrativos e advérbios de lugar nas duas línguas de trabalho, passamos ao tratamento da significação destas formas deícticas, seguindo também aqui a abordagem de Herculano Carvalho, quando considera ser esta uma das quatro espécies de significação gramatical, definindo-a como “toda a significação realizada na linguagem que não tem como termo próprio os objectos do mundo real em si mesmos”⁹.

Por significação deíctica, aquela que os pronomes demonstrativos e os advérbios de lugar exercem, Carvalho entende “uma significação realizada por certas formas linguísticas que equivalem a um gesto...mostrando um objecto pertencente ao contexto real (extra-verbal), ou que já foi ou vai ser imediatamente mencionado no contexto verbal”¹⁰.

Nesta significação deíctica Carvalho distingue, aliás como Karl Bühler, três modalidades: a mostração material ou física, a mostração anafórica e a mostração em fantasma. A primeira, uma mostração em presença que aponta claramente para o contexto extra-verbal, permite ao mostrativo apontar “para um objecto que não foi previamente identificado como membro de uma dada classe” ou para um objecto que foi apontado anteriormente “ou vai ser em seguida, sujeito a essa identificação, quer explícita, isto é, expressa por palavras...quer não, se no contexto extra-verbal o objecto é claramente reconhecível...”¹¹.

A mostração anafórica, essa sim presente e frequente no texto escrito, está claramente relacionada com o contexto verbal por apontar através dos mostrativos para um objecto referido anteriormente ou que irá, de seguida, ser referido nesse mesmo contexto verbal. Carvalho fala, ainda a propósito da mostração anafórica, em “mostração gradativa”, aquela que “distingue dois ou mais objectos pelo seu grau de proximidade”.¹² É através da mostração gradativa que quando queremos referir termos já mencionados “nos servimos do DEMONSTRATIVO aquele para o referido em primeiro lugar, e do DEMONSTRATIVO este para o que foi nomeado por último”¹³.

À mostração em fantasma, definida por Carvalho como aquela que se dá “em relação a um objecto ausente que o emissor pela imaginação torna presente e para o qual aponta como se essa presença fosse real”, não atribui o linguista destaque significativo¹⁴. Importante, para nós, por estar intimamente relacionada com o discurso narrativo, é o conceito que passamos a desenvolver.

O conceito de mostração em fantasma é recuperado e aprofundado por Fernanda Irene Fonseca que o apresenta como “o modo de mostração que o falante utiliza na *narração* e na *ficção*”, razão pela qual se propõe designar esta forma de mostração como “deixis fictiva ou deixis narrativa”. A linguista clarifica tal definição afirmando que a mostração fictiva “se verifica quando o emissor usa a linguagem verbal para se desinserir fictivamente do *eu-aqui-agora* a que está irremediavelmente ligado, superando, por uma *ficção linguística*, essa contingência de todo o falante”¹⁵.

Pelo exposto, entendemos que, no discurso narrativo, ao haver deslocação das coordenadas deícticas para um mundo supra-real gerado pela capacidade criativa da linguagem literária, tem que haver também forçosamente uma deslocação dos referentes para os quais as formas deícticas apontam. Se, como diz Carvalho, “para que haja mostração verbal...é imprescindível que exista um termo ou ponto de referência” e se “esse termo ou baliza referencial é a pessoa do próprio sujeito que fala”¹⁶, então, na narrativa, a deslocação do emissor/narrador e das suas coordenadas deícticas para um mundo conceptual faz com que o próprio texto crie “o próprio contexto referencial para que aponta”¹⁷. Assumiremos, como Fernanda Irene Fonseca, que esta capacidade da linguagem literária é uma manifestação da capacidade de o discurso criar o seu próprio contexto.

Afigura-se-nos ainda pertinente referir que esta deslocação do emissor/narrador para o mundo conceptual da ficção implica sempre “um esforço, por parte do locutor, no sentido de levar o interlocutor a compartilhar, a comungar na *evocação* de um *mundo alternativo*”¹⁸.

É nosso entender que os exemplos seleccionados na obra de Hardy e respectiva tradução se inserem no âmbito, por um lado, da mostração anafórica, que “cria um campo mostrativo textual” e, por outro, no âmbito da mostração em fantasma, criadora de “um campo mostrativo imaginário”¹⁹.

ANÁLISE DE DEMONSTRATIVOS EM *CORPUS* DUPLO

O *corpus* de exemplos a analisar foi dividido em dois grupos principais: no primeiro, incluímos os demonstrativos cuja função principal é a de remeter para o contexto verbal, criando uma rede de relações locativas que se constitui como um dos suportes da coesão do texto. Este grupo em que os demonstrativos têm

antes de mais uma função anafórica foi segmentado em dois sub-grupos: num, o demonstrativo funciona como determinativo e, no outro, é pronome.

No segundo grupo, quisemos destacar alguns dos exemplos em que melhor se evidencia a capacidade de a linguagem literária evocar um mundo supra-real e transportar até ele o leitor. Em nossa opinião, neste grupo os demonstrativos apontam “objectos ou circunstâncias *ausentes*”²⁰.

Contudo, não podemos deixar de salientar o facto de esta divisão ter unicamente uma base metodológica. Na verdade, por estarem inseridos no discurso narrativo, ele próprio gerador de um mundo alternativo, os demonstrativos com valor anafórico incluem-se também na “deixis fictiva”. Da mesma forma, os exemplos incluídos na “deixis fictiva”, comportam de igual modo um valor anafórico, já que apontam para um referente imaginário criado pela linguagem.

O que primeiro nos saltou à vista quando analisámos conjunto de exemplos em que os demonstrativos com valor anafórico funcionam como determinantes, sem esquecer que partimos sempre dos exemplos em língua inglesa para a organização e classificação das formas deícticas, foi o facto de ser este o grupo de maior dimensão. Assim, num *corpus* total de noventa exemplos e respectivas traduções, este grupo conta com vinte e oito. Tal poderá ser indicativo, não só da importância do valor anafórico dos demonstrativos no texto literário, como também indiciador de que “os chamados pronomes demonstrativos são ... essencialmente determinantes”, ou seja, muito frequentemente acompanham um nome que determinam²¹.

Funcionando como determinativos anafóricos encontramos significativa correspondência na tradução dos demonstrativos. Assim, em onze exemplos, *this* e *that* são traduzidos como *este(a)* e *aquele(a)*, respectivamente. De notar que, nos exemplos em causa, o referente textual para o qual o demonstrativo aponta é nomeado pouco antes, levando a que *this* e *este(a)* surjam mais frequentemente do que *that* e *aquele(a)*. Como ilustradores desta ideia, destacamos:

i) “*This* instrument being several years older than Oak’s grandfather...”
 “...*este* objecto, mais antigo que o próprio avô do actual dono...”

(ii) “Oak upon hearing *these* remarks...”
 “Oak depois de ouvir *estas* observações...”

Nestes dois exemplos, o referente textual – em (i) o relógio de Gabriel Oak e em (ii) as observações que o mesmo Oak acabara de ouvir – é designado imediatamente antes, justificando o emprego do demonstrativo indicador de maior proximidade do referente textual, nos dois textos.

Contudo, regista-se uma ocorrência em que, embora o referente textual seja indicado no mesmo parágrafo em que a forma deíctica é empregue, o demonstrativo escolhido seja o indicador de maior afastamento, na oração inglesa como na tradução:

(iii) “In the solemn calm of the awakening morn *that* note was heard by Gabriel...”
 “Na tranquilidade solene do despertar da manhã, *aquela* nota chegou-lhe aos ouvidos...”

Em nossa opinião, justifica-se o emprego do demonstrativo indicador de maior afastamento nas duas línguas, pois, entre a primeira vez que a nota ouvida por Gabriel é nomeada e o momento em que o demonstrativo ocorre, indicando que o narrador se refere à mesma nota, é dada uma explicação sobre o facto de os pastores serem sensíveis ao som dos chocalhos das ovelhas. Desviando momentaneamente a atenção do leitor do desenrolar da narrativa, a explicação conduz naturalmente ao emprego de *that/aquela*.

Na análise dos exemplos nos quais ao emprego do demonstrativo indicativo de maior proximidade no original corresponde, na tradução portuguesa, o demonstrativo indicador de maior afastamento, encontramos o referente textual para que o demonstrativo aponta num ponto mais distante do texto do que acontecia nos exemplos atrás referidos:

(iv) “This well favoured girl...”
 “Aquela rapariga bonita e bem dotada...”

(v) “...pity for the untimely fate of these gentle ewes...”
 “...verdadeiro dó pelo destino atroz e prematuro daquelas pobres reses...”

O referente de (iv), que o leitor sabe sem sombra de dúvida ser Bathsheba, é nomeado no capítulo anterior, enquanto, em (v), é no parágrafo imediatamente antes que é dado a conhecer o destino terrível das ovelhas de Oak. Em nosso entender, a não correspondência no emprego dos demonstrativos nos dois textos, fica a dever-se à forma distinta como nas duas línguas narrador e

narrador/tradutor se transportam à situação fictiva. Assim, se no original inglês o narrador se aproxima, e por arrastamento aproxima o leitor das situações em causa – em (v) Oak está a ver as ovelhas no fundo do precipício e o leitor visualiza-as também como se estivesse onde está a personagem e em (iv) o emprego do demonstrativo indicador de maior proximidade como determinativo da rapariga que se insinua no coração de Oak, parece tornar o leitor quase um cúmplice da intimidade do pastor – no texto em português, o emprego de *aquela* e *daquelas* parece distanciar narrador e leitor da situação fictiva, colocando ambos na posição de meros espectadores.

Ainda neste primeiro grupo, destacam-se aqueles exemplos em que o demonstrativo ou desaparece por a construção da frase no texto traduzido o tornar dispensável, como em (vi), ou desaparece, acarretando esse desaparecimento alguma perda ao nível da expressividade, como acontece em (vii):

(vi) “Oak...became more curious to observe her features, but *this* prospect being denied him...”

“Oak...teve maior curiosidade em ver as feições da rapariga, desejo prejudicado pelo capuz...”

(vii) “...taken and tragically shot at twelve o’clock *that* same day...”

“...o dono abateu-o a tiro ao meio dia...”

Em nosso entender, o não recurso ao determinativo no texto-alvo retira à oração do segundo exemplo do quadro alguma da ênfase que no original ele transmite – o facto de ter sido *nesse mesmo dia* que o cão de Oak foi abatido.

Finalmente, registam-se alguns exemplos nos quais o tradutor substituiu o demonstrativo determinante por um artigo definido, de que é ilustrativo:

(viii) “Tonight *these* trees sheltered the southern slope...”

“Nessa noite *a* mata abrigava o declive meridional...”

Este emprego do artigo definido, igualmente portador de valor mostrativo por estar anteposto a uma realidade já mencionada, distingue-se, na nossa opinião, do do demonstrativo por conferir maior definição ao substantivo e menor ênfase ao valor anafórico.

Num segundo conjunto de exemplos, quisemos englobar os casos em que o demonstrativo tem claramente um valor pronominal, ou seja, aqueles em que, além do valor anafórico, os demonstrativos funcionam como “elliptical head

elements”²². Também neste grupo verificamos serem em maior número os exemplos em que há correspondência, nas duas línguas, no emprego de demonstrativos que apontam para maior ou menor grau de proximidade textual.

De salientar, no entanto, o facto de em alguns exemplos o pronome demonstrativo empregue no texto original passar a ter valor determinativo na tradução, aparentemente corroborando a afirmação de Vilela quando este diz que em “*este/esse/aquele*, está sempre presente o seu valor de determinantes, mesmo se usados pronominalmente”²³. O exemplo a seguir ilustra essa realidade:

- (ix) “She seemed tall, but the pail was a small one and the hedge diminute: hence, making allowance for error by comparison with *these*...”
 “Ela parecia alta, mas o balde era pequeno e a vedação baixa; por isso, aceitando o erro de comparação com *estes* elementos...”

De entre um número reduzido de exemplos que não apresentam correspondência na tradução do demonstrativo, destacamos:

- (x) “...might have regarded Gabriel Oak in other aspects than *these*.”
 “...poderiam descrevê-lo sob aspectos diferentes *daqueles*.”

Este exemplo, em que o referente textual do pronome demonstrativo se encontra relativamente próximo, afigura-se-nos corroborar uma ideia que o decurso da análise tem vindo a esboçar: haverá talvez maior propensão para o emprego de demonstrativos indicadores de afastamento no discurso narrativo em língua portuguesa do que na língua inglesa.

Ainda neste grupo, verificamos que, num total de dezanove exemplos, cinco apresentam para a tradução do demonstrativo as formas *o*, *a*, formas essas que “são demonstrativos quando precedem as formas *que* e *de*”²⁴:

- (xi) “The image as a whole was *that* of a small Noah’s Ark...”
 “O aspecto, no seu conjunto, era *o de* uma miniatura da Arca de Noé...”

Consideraremos, então, não haver em tais casos perda de significação deíctica na tradução.

Não podemos deixar de referir, por último, uma outra correspondência verificada no confronto entre o emprego dos demonstrativos nas línguas de partida e de chegada. Assim, e partindo do pressuposto de que, em língua

inglesa, “the singular forms *this*, *that* can...refer to a whole proposition, or situation, or something inferred from it...”²⁵, encontramos como equivalentes destas formas, na tradução portuguesa, os pronomes demonstrativos invariáveis:

(xii) “All *this* Oak saw and remembered.”
 “Tudo *isto* Gabriel viu e fixou.”

Ao que tudo indica em exemplos deste tipo, verifica-se significativa correspondência entre as línguas inglesa e portuguesa, pois, ao referirem-se de igual modo a toda uma oração ou situação, as formas *isto*, *isso* e *aquilo* caracterizam-se pela “ausência do sema ‘determinação’”²⁶.

Relativamente a este conjunto de exemplos, diríamos que a única diferença significativa no emprego dos demonstrativos nas duas línguas em estudo reside na passagem de alguns pronomes a determinativos na tradução para língua portuguesa.

Ao analisar separadamente o grupo de exemplos em que o demonstrativo comporta uma função fictiva, quisémos destacar uma qualidade do discurso narrativo e do texto literário em geral, aqui veiculada através do emprego destas partículas de significação deíctica: a de criar uma supra-realidade, um mundo fictivo com coordenadas deícticas próprias a partir das quais se estabelecem todas as redes de referência espacial e temporal geradas pelo próprio texto, qualidade aliás já por nós referida na secção anterior do presente estudo.

Na nossa opinião, os exemplos que melhor evidenciam essa capacidade do texto literário são aqueles em que o demonstrativo se refere ao tempo da narrativa. Contudo, não será talvez demais reiterar o facto de as formas deícticas manterem o seu valor anafórico porque apontam para um referente temporal que não deixa de ser necessariamente um referente fictivo, como é patente no exemplo seguinte:

(xiii) “During the twelvemonth preceding *this* time...”
 “Durante os doze meses precedentes...”

Neste exemplo, o referente temporal fictivo, “the eve of St. Thomas’s”, apesar de longínquo – é nomeado quase duas páginas antes, no início do capítulo – está presente e é facilmente encontrado pelo leitor mais desatento.

Salvaguardado o valor anafórico, passaremos a debruçar-nos sobre a questão que agora nos interessa: a “mostração de um objecto ausente”²⁷. O que observamos ao analisar um conjunto de nove exemplos em que o demonstrativo aponta para o tempo da narrativa é que, independentemente da proximidade ou afastamento textual do referente temporal fictivo, no texto original o determinante demonstrativo empregue em oito dos exemplos foi *this*. Em oposição a este emprego, na tradução verificamos que, em cinco, se emprega *esse(a)* ou *aquela(a)* ou ainda as formas *desse, nessa, naquela*.

(xiv) “Rather surprised to find them break fence at *this* season...”
 “Admirado por que os animais acometessem a sebe *naquela* estação...”

Nos outros quatro exemplos, encontramos correspondência entre *that* e *naquela*, em apenas um dos casos. Num outro, o demonstrativo desaparece:

(xv) “Bathsheba had probably left Weatherbury long before *this* time...”
 “Naturalmente, Bathsheba já se havia ido embora...”

Nos restantes dois, ele é substituído por uma outra expressão de tempo, como acontece em (xiii) e no exemplo a seguir:

(xvi) “All *this* while he was perplexing himself...”
 “Entretanto cogitava num pretexto...”

O que o desenvolvimento da análise parece evidenciar de forma cada vez mais nítida é o facto de haver uma preferência clara pelo emprego do demonstrativo que aponta maior proximidade, na língua inglesa, ao qual corresponde, no português, uma tendência para optar pelo indicador de maior afastamento.

Não queremos deixar de referir ainda dois exemplos que patenteiam a já descrita capacidade de a linguagem literária evocar o ausente. Assumimos, mais uma vez com Fernanda Irene Fonseca, que esta capacidade implica da parte do leitor, não só um recurso à “imaginação”, mas também à “memória”²⁸. Nos exemplos que a seguir transcrevemos, é nosso entender que o emprego do demonstrativo, em inglês como em português, aponta para o conhecimento de uma realidade exterior ao texto que o leitor é convidado a evocar na sua memória:

(xvii) “...an ordinary specimen of *those* smoothly outlined protuberances of the globe...”

“...um exemplar *dessas* protuberâncias do globo, de relevo macio...”

(xviii) “By one of *those* whimsical coincidences...”

“Por uma *dessas* coincidências caprichosas...”

De notar que, na tradução portuguesa, o demonstrativo empregue – *dessas* – corresponde à segunda pessoa gramatical, aparentemente evidenciando o facto de o narrador se estar a dirigir ao leitor de forma subtil, convidando-o a actualizar a partir da memória o conhecimento de uma realidade extralinguística. Diríamos que se cria quase uma cumplicidade entre o locutor e o interlocutor da mensagem, para a qual concorre o emprego do demonstrativo.

Concluimos dizendo que se nos valores dos demonstrativos empregues em (xvii) e (xviii) há verdadeira correspondência nas duas línguas de trabalho, há também, como verificamos nos casos em que o demonstrativo aponta para o tempo da narrativa, uma diferença significativa nos empregos deícticos das línguas de partida e de chegada.

ANÁLISE DE ADVÉRBIOS DE LUGAR EM *CORPUS* DUPLO

Como atrás exposto, os advérbios de lugar completam a rede de relações espaciais que se estabelece entre pessoas gramaticais e demonstrativos, razão pela qual faremos uma breve referência ao comportamento destas formas deícticas no texto literário analisado, no intuito fundamentalmente de verificar se na tradução das mesmas é possível detectar correspondências do tipo das encontradas para a tradução dos demonstrativos ou se, pelo contrário, elas não se verificam.

Constatámos primeiramente que no *corpus* analisado os advérbios de lugar indicam a maior ou menor proximidade de uma personagem em relação a um lugar, ou a um objecto, ou a outra personagem. Além disto, segundo estamos em crer, podem também desempenhar a função de aproximar ou distanciar o leitor de uma determinada situação ou lugar fictivos. Ilustrativo da primeira afirmação, consideramos o seguinte exemplo:

(i) “Gabriel...returned to his hut. *Here* he ensconsed himself...”

“Apanhou-o e trouxe-o para a cabana. *Ali* se escondeu...”

Se neste exemplo é o advérbio de lugar a indicar ao leitor que o pastor está na cabana, local onde se deita, no seguinte, entendemos que, além de funcionar como localizador da personagem, o advérbio de lugar tem também a função de transportar o leitor ao local fictivo onde a personagem se desloca:

- (ii) “...and passed round it under the wall where several ancient trees grew. There was a wide margin of grass along *here*...”
 “...passou junto de um muro, no largo em que havia um conjunto de árvores antigas. Os passos de Gabriel eram abafados pela macieza da erva *naquele* sítio...”

Estes dois exemplos parecem apontar também, como aliás se verificara no tratamento dos demonstrativos, para o comportamento diverso dos deícticos no discurso narrativo, nas línguas inglesa e portuguesa. De facto, no texto original, o advérbio de lugar seleccionado com maior frequência em vinte e cinco exemplos é o que aponta para um lugar perto da primeira e, ou não, da segunda pessoas – *here*. Este advérbio, ocorrendo em dezoito exemplos, só é traduzido pelo advérbio que na língua portuguesa aponta para um lugar perto da primeira pessoa – *aqui* – em três e pelo advérbio que aponta um lugar perto da segunda pessoa – *aí* – num único exemplo. Em três outros, *here* é traduzido por *ali ou naquele sítio*, advérbios que apontam para um lugar distante do locutor e do interlocutor. Nos restantes sete exemplos em que ocorre, em seis o advérbio desaparece, por a construção da frase em português o tornar não essencial sendo em um substituído pela contracção de um pronome pessoal e uma preposição, exemplo que passamos a transcrever:

- (iii) “...was the letter Bathsheba had sent. *Here* the bachelor’s gaze was continually...”
 “...via-se a carta que Bathsheba lhe enviara. *Nela* a vista do solteirão continuava fixa...”

Afigura-se-nos que este exemplo evidencia também um ponto de vista distinto de cada uma das línguas de trabalho face a uma mesma situação: se o advérbio de lugar no texto original parece reforçar o ponto onde se fixa o olhar de Boldwood, a opção pela contracção da preposição com o pronome na tradução fixa a atenção do leitor na própria carta.

No respeitante ao outro advérbio de lugar presente nos exemplos do *corpus* da língua de partida – *there* – verifica-se que, além de ocorrer como menos frequência encontrando-se em apenas dez exemplos, apresenta um maior número de correspondências na tradução para língua portuguesa. Assim, em cinco exemplos *there* é traduzido por *lá*, *ali*, ou *aí*, num exemplo desaparece por se tornar dispensável na construção da oração traduzida e em um outro é substituído pelo lugar para que aponta. É este último exemplo que transcrevemos a seguir:

- (iv) “...at one point the rails were broken through, and *there* he saw the footprints of his ewes...”
 “...em certos sítios as grades estavam destruídas e *havia na terra* sinais da passagem de animais...”

Um *corpus* de exemplos no qual o advérbio *here*, apontando para um lugar perto da primeira pessoa gramatical, é empregue quase duas vezes mais do que aquele que aponta um lugar mais distante das duas primeiras pessoas, leva-nos a crer que, na língua de partida, uma das funções destas formas deícticas é a de tornar mais íntima a relação entre o leitor e as situações e personagens da narração, transportando-o para o mundo em que essas situações se desenrolam e essas personagens agem e tornando-o quase como que presente nesse universo fictivo. Pelo contrário, na língua de chegada, em que recorrentemente se emprega o advérbio de lugar que aponta para um lugar distante de locutor e interlocutor, o leitor assiste ao desenrolar da acção, na posição de simples espectador, sem que o emprego dos advérbios de lugar concorra para deslocar o interlocutor do discurso narrativo para o mundo imaginário da narração.

Sem esquecer que uma análise baseada num *corpus* único retirado de um só texto literário é necessariamente uma análise redutora, cujas conclusões são o espelho do que acontece tão somente nesse texto, foi nossa intenção verificar nele o comportamento de duas formas deícticas, os demonstrativos e os advérbios de lugar, na tradução da língua inglesa para o português.

Quisemos basear a nossa análise no conceito que Fernanda Irene Fonseca denomina como “produtividade referencial da linguagem”, a que permite à linguagem criar “campos mostrativos” textuais ou imaginários, através dos quais gera um mundo paralelo a que chama “mundo fictivo”²⁹.

Se, como dissemos já, o enunciado é o criador da sua própria referência e se o discurso narrativo pressupõe uma deslocação do locutor e do interlocutor até esse mundo supra-real, então, diríamos ainda que é dada ao sujeito da enunciação – na nossa análise, o autor/narrador do original em língua inglesa – liberdade para construir uma teia de relações espaço-temporais fictivas, originária na sua deslocação para o mundo imaginário do texto.

E é isso que, em nosso entender, explica por que razão no texto de partida se empregam mais frequentemente os deícticos de localização espacial indicadores de proximidade, aparentemente sugerindo que o locutor está presente no espaço/tempo da narração e que quer, além disso, transportar até aí o interlocutor.

Fica por explicar, no entanto, o motivo pelo qual o mesmo nem sempre aconteça na tradução destes deícticos para língua portuguesa. De facto, verificamos que apesar da significativa correspondência manifesta na tradução dos demonstrativos com valor primordialmente anafórico e que constituem, aliás, uma parte importante deste *corpus*, tal correspondência parece diluir-se na tradução dos demonstrativos que apontam para o tempo da narrativa, bem como na dos advérbios de lugar. Assim, enquanto na tradução dos demonstrativos que apontam para um campo mostrativo textual, é patente o facto de não raras vezes ao emprego de *this* corresponder *este(a)* e ao de *that* corresponder *aquele (esse)*, na tradução dos demonstrativos e advérbios de lugar que apontam em primeira instância para um campo mostrativo imaginário, verifica-se que ao emprego das formas deícticas indicadoras de maior proximidade, corresponde no texto de chegada, o emprego de deícticos que indicam maior afastamento.

Pensamos que dois factores poderão contribuir para explicar esta opção do tradutor. Por um lado, o facto de, não sendo criador mas recriador de um texto de autor numa língua outra, não se sentir suficientemente à vontade para transportar o leitor ao mundo imaginário da enunciação. Torna-se, por isso, nas palavras de Rodrigues Lapa, “mais intelectual” preferindo seleccionar as formas deícticas indicadoras de maior afastamento, visto que, no dizer deste autor, o uso de “*esta* obedece mais à fantasia que aproxima os objectos, afastados pela distância e pelo tempo”³⁰.

Por outro lado, poderá haver na própria língua portuguesa uma tendência para ser mais intelectual e seguir com maior rigor as regras de construção do

discurso indirecto na narração, preservando desta forma um certo afastamento entre o leitor e o mundo da narrativa. Há, segundo Mona Baker, em cada língua, “what we might call general preferences for certain patterns of reference as well as specific preferences that are sensitive to text type”³¹.

Resultado de uma escolha estilística do tradutor ou preferência da própria língua pelo emprego de determinadas formas deícticas em determinadas situações fictivas? É uma questão que não nos permitimos responder em definitivo. Acreditamos sim, que a análise do texto original e da respectiva tradução patenteia uma forma diversa de colocar o locutor/narrador e transportar o interlocutor/leitor no e ao mundo fictivo da narrativa.

¹ Fernanda Irene Fonseca, *Deixis, Tempo e Narração*, Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1992, p. 71.

² J. G. Herculano Carvalho, *Teoria da Linguagem*, Tomo II, Coimbra: Atlântida Editora, 1974, p. 668.

³ As edições usadas foram, respectivamente: Thomas Hardy, *Far From the Madding Crowd*. 1874, introd. Ronald Blythe, Londres: Penguin Books, 1985 e Thomas Hardy, *Longe da Multidão*, trad. Cabral do Nascimento, Lisboa: Portugália Editora, s/ data.

⁴ Willis Barnstone, *The Poetics of Translation: History, Theory, Practice*, New Haven: Yale University Press, 1993, p. 90, refere esta componente da actividade tradutória: “Sometimes we speak of the translator as creative. The product is a re-creation.”

⁵ J. G. Herculano Carvalho, “Systems of Deictics in Portuguese”, *Readings in Portuguese Linguistics*, eds., Jurgen Schmidt-Radefeldt, Kiel: Kiel University, 1976, p. 245.

⁶ J. G. Herculano Carvalho, “Systems of Deictics in Portuguese”, p. 246.

⁷ J. G. Herculano Carvalho, “Systems of Deictics in Portuguese”, p. 247.

⁸ J. G. Herculano Carvalho, “Systems of Deictics in Portuguese”, p. 251.

⁹ J. G. Herculano Carvalho, *Teoria da Linguagem*, Tomo I, Coimbra: Atlântida Editora, 1973, p. 203.

¹⁰ J. G. Herculano Carvalho, *Teoria da Linguagem*, Tomo I, p. 209.

¹¹ J. G. Herculano Carvalho, *Teoria da Linguagem*, Tomo II, p. 663-4.

¹² J. G. Herculano Carvalho, *Teoria da Linguagem*, Tomo II, p. 663.

¹³ Celso Cunha e Lindley Cintra, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa: Sá da Costa, 1984, p. 334.

¹⁴ J. G. Herculano Carvalho, *Teoria da Linguagem*, Tomo II, p. 662.

¹⁵ Fernanda Irene Fonseca, *Deixis, Tempo e Narração*, pp. 92-3.

¹⁶ J. G. Herculano Carvalho, *Teoria da Linguagem*, Tomo II, p. 664.

¹⁷ J. G. Herculano Carvalho, *Deixis, Tempo e Narração*, p. 139.

- ¹⁸ Fernanda Irene Fonseca, *Deixis, Tempo e Narração*, pp. 146-7.
- ¹⁹ Fernanda Irene Fonseca, “Deixis, Dependência Contextual e Transposição Fictiva: Contributos para uma Teoria Enunciativa da Ficção”, *Actas do VI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Porto, 1990, p. 343.
- ²⁰ Fernanda Irene Fonseca, *Deixis, Tempo e Narração*, p. 144.
- ²¹ Mário Vilela, *Gramática da Língua Portuguesa*, Coimbra: Almedina, 1995, p. 174.
- ²² A. Downing e P. Locke, *A University Course in English Grammar*, New York: Prentice Hall International English Language Teaching, 1992, p. 414.
- ²³ Mário Vilela, *Gramática da Língua Portuguesa*, p. 174.
- ²⁴ Mário Vilela, *Gramática da Língua Portuguesa*, p. 175.
- ²⁵ A. Downing e P. Locke, *A University Course in English Grammar*, p. 414
- ²⁶ Mário Vilela, *Gramática da Língua Portuguesa*, p. 174.
- ²⁷ Fernanda Irene Fonseca, *Deixis, Tempo e Narração*, p. 147.
- ²⁸ Fernanda Irene Fonseca, *Deixis, Tempo e Narração*, pp. 25 – 33.
- ²⁹ Fernanda Irene Fonseca, “Deixis, Dependência Contextual e Transposição Fictiva: Contributos para uma Teoria Enunciativa da Ficção”, p. 343.
- ³⁰ M. Rodrigues Lapa, *Estilística da Língua Portuguesa*, Lisboa: Seara Nova, 1973, p. 160.
- ³¹ Mona Baker, *In Other Words: A Coursebook on Translation*, Londres: Routledge, 1995, p. 183.